

## MODELO ARQUEOLÓGICO NO PROJETO SERRA GERAL

### Tentativas de Correlações Sistêmicas e Ecológicas

ALTAIR SALES BARBOSA

#### INTRODUÇÃO

No estudo da reconstrução de sociedades pré-históricas, algumas categorias podem ser de fundamental importância na complementação das pesquisas arqueológicas, essas categorias são a lingüística, a etno-história e a etnografia.

Embora constituindo uma variável independente da cultura, o estudo das linguas, associado a outros fatores, pode fornecer dados referentes à homogeneidade ou heterogeneidade da cultura, sua continuidade e descontinuidade. Neste sentido a lingüística é um elemento importante para avaliar modelos que possam ser trabalhados pela arqueologia.

Na mesma linha, se situam as informações sobre etno-história, ou seja a história dos grupos indígenas que povoaram a área e suas proximidades, sempre que possível, relacionando-os lingüisticamente.

Por outro lado, o estudo etnográfico da população atual, oferece interessantes elementos de análise e interpretação, sobre a utilização de recursos naturais, que possibilitam vislumbrar respostas para certas situações vividas pelas populações pré-históricas. Esses elementos giram em torno de aspectos tecnológicos, como também simbólicos, resultantes do manejo desses recursos, quer seja no fabrico de peças utilitárias, na consecução de alimentos, como na exploração de raízes e ervas para curas e rituais.

#### PROJETO SERRA GERAL

Tentando integrar essas categorias, com o intuito de estabelecer modelos arqueológicos é que vem sendo desenvolvido o Projeto Serra Geral.

Esse projeto, é parte integrante do Programa Arqueológico de Goiás e abrange a área compreendida entre os paralelos 11º a 15º de latitude sul e os meridianos de 45º 30' a 47º de

longitude oeste. Restringe à parte leste do Estado de Goiás e à parte oeste da Bahia, tendo na parte intermediária o maciço calcáreo da Serra Geral de Goiás, que constitui divisor de águas entre as bacias do Tocantins e São Francisco. As pesquisas de campo foram desenvolvidas no setor goiano do vertente do Paranã (bacia do Tocantins) e no setor baiano da vertente Sanfranciscana.

De modo geral o maciço pode ser também o divisor de dois sistemas básicos: um correspondendo à Vertente do Paranã, outro correspondendo à vertente do São Francisco (Sistema do corrente).

### SISTEMA DO PARANÃ

Localiza-se "no sopê do Chapadão Ocidental da Bahia" e é entalhado pelos afluentes do Paranã. Corresponde ao "Vão" do Alto Vale do referido rio e aos platôs e chapadões que o rodeiam. É uma área altimetricamente rebaixada, de topografia ondulada".

A carta geológica do Brasil Milionésimo, do DNPM, registra amplo predomínio de superfície pré-cambriana do Grupo Bambuí (arcósios, silticos) e da Formação Paraopeba (calcáreos, ardósias, dolomitos e filitos), em vários pontos interrompidos por manchas do terciário/quaternário correspondentes às coberturas de tríticos-lateríticas e/ou areno-argilo-lateríticas, às vezes com espessas cascalheiras. Os aluviões são menos expressivos no conjunto da trijunção Goiás, Minas e Bahia, no espaço compreendido pelos municípios de Flores de Goiás, Alvorada do Norte, Jaciara, Posse, Galheiros e São Domingos.

O clima corresponde ao quente semi-úmido com 4 a 5 meses secos. Nesse setor a precipitação média anual varia entre 1.750 a 1.500 mm, mais concentrada no trimestre novembro-dezembro-janeiro, associada que está ao sistema de circulação perturbada de oeste, que decresce de importância de oeste para leste.

Associado à topografia dos platôs e dos chapadões, ao solo e às condições climáticas está o largo domínio do Cerrado, na região. Nele se destacam a lixeira (*euratella americana*), o pequi (*Caryocar brasiliensis*), mas a que mais se sobressai, é uma planta bombacácea, vulgarmente chamada de barriguda (*Ceiba erianthos*) por causa do aspecto grosso e deformado do caule, suas dimensões avantajadas e também por que é muito freqüente na área.

## SISTEMA DO CORRENTE

Estende-se desde o limite com Goiãs, abarcando a totalidade do município de Correntina, na Bahia e áreas vicinais. No início, corresponde ao alto do Chapadão Ocidental da Bahia, com cotas aproximadas de 1.000 metros. Para leste a altitude decresce, e em torno de 800 metros localiza-se a cabeceira do rio Correntina que desagua no rio Corrente que afluente para o São Francisco.

Entre os rios Correntina (margem direita) e o rio Pratudão, foram pesquisados vários sítios líticos e alguns cerâmicos. Também se encontrou um sítio com petroglifo, na área. O terreno compreendido por esse planalto, corresponde a sedimentos cretáceos, arenosos; da Formação Urucuaia. No trecho inferior do rio Correntina, localiza-se o embasamento que engloba superfícies do pré-cambriano indiferenciado e do grupo Bambuí, situado na faixa de 500/600 metros de altitude.

O clima é quente semi-úmido, com 4 a 5 meses secos, mas a precipitação média anual varia entre 1.500 a 1.250 mm. É área de transição para o clima quente semi-úmido brando que se configura mais a leste, com 6 meses secos, e precipitação anual entre 1.250-1.000 mm. Esse fenômeno aparece bem marcado na região, através da cobertura vegetal. No início do chapadão, na divisa com Goiãs, na faixa de 900-1.000 metros, constata-se o campo limpo, seguido pelo campo sujo, e ocupando a maior parte do Gerais, vem logo a seguir o cerrado, que é dominante territorialmente. Aí mesmo na mesopotamia, configurada pelos rios Correntina e Arrojado, na medida que se avizinha da cidade, pode-se constatar elementos que mostram a mudança gradativa para a caatinga, mais ao leste.

No cerrado, é possível relacionar uma boa quantidade de plantas que podem ser aproveitadas pelo homem que se assenta na região, como o Cajuí (*Anacardium humile*), o pequi (*Caryocar glabrum*), o jatobá (*Hymenaea* sp). Entre as palmáceas merecem destaque o catulê (?) e o tucum (?), por causa das amêndoas e por causa da água armazenada no seu interior, fácil de ser sugada e atenuar a sede. Também, a buritirana e o buriti (*Mauritia vinifera*) que marcam a nascente do Correntina persistem ao longo do seu curso em abundância, proporcionando muitas vantagens, como matéria-prima para cestarias, construções, além das castanhas e da polpa riquíssima em óleo e proteínas.

A superfície do chapadão, nos arredores do rio Corren-

tina (e possivelmente dos outros rios), ocasionalmente configuram pequenas colinas, onde afloram arenitos silicificados e silex, que via de regra foram trabalhados intensamente com vistas a produção de artefatos líticos relacionados a atividades de caça.

Nesse contexto ambiental deve-se salientar que o número de córregos é inexpressivo. Isso significa que a distância entre os cursos de água é acentuada para um grupo que se assenta no local. Por isso o rio ocupa uma posição no processo adaptativo. A ocupação de suas margens era uma estratégia de sobrevivência.

### LINGÜÍSTICA E ETNOHISTÓRIA

Analisando os mapas de distribuição dos troncos linguísticos, com base nas línguas atuais (in: Melatti, 1980), constata-se à primeira vista que: o tronco macro-jê é o tronco mais oriental, apresentando certa fragmentação, com pequenas áreas no sul e nordeste brasileiro, próximo ao litoral, uma forte área central, correspondendo ao grande domínio do cerrado do planalto central brasileiro. A impressão que se tem, é que estas áreas menores, pela proximidade, deveriam constituir numa única grande área homogênea de domínio linguístico Jê.

O Tronco Tupi por sua vez, ocupa uma faixa homogênea do Centro e Oeste brasileiro, coincidindo com domínios naturais onde a mata tem significativa importância. Aparecem duas pequenas manchas na região noroeste, deslocadas e muito distante da grande mancha central.

O Tronco mais ocidental é o Aruāk, que se apresenta também de forma homogênea e ocupa a faixa compreendida entre a borda ocidental do planalto brasileiro e os contrafortes orientais da Cordilheira dos Andes. Outra pequena mancha é localizada nos contrafortes norte do planalto das guianas. Comparando os mapas citados por Melatti com o mapa da distribuição dos troncos linguísticos primários de Greenberg, (in: Meggers, 1976), percebe-se que entre os Jê do leste/nordeste, do sul e do centro, interpõe uma faixa quase contínua de domínio do tronco Andino-Equatorial. A dispersão desse tronco, parece haver sido a causa principal da quebra de homogeneidade do tronco Jê.

Do tronco primário Andino-Equatorial se originam as línguas Arawak e Tupi. Estimativas glotocronológicas situam em torno de 5.000 anos A.P. a separação do Tupi dos outros membros da di-

visão Equatorial, a origem da família Tupi-Guarani em torno de 2.500 anos atrás e a diferenciação deste em sub-famílias uns 1.200 anos A.P. (Rodrigues 1958:684 in: Meggers - 1976).

A área específica do projeto "Serra Geral" corresponde à grande mancha homogênea de domínio linguístico Jê, num período de tempo mais recuado. Recentemente, mais precisamente, a partir da formação da família Tupi-Guarani, a área veio sofrer influências desse grupo linguístico. Os dados arqueológicos (vide gráfico) parecem comprovar este fato.

De acordo com Nivuendajū, a área foi ocupada por dois grupos Jê-Centrais, Akroã e Shakriabã por volta do século XVIII e um grupo Tupi, Aricobê registrado para o ano 1744.

Desses três grupos, o Acroã é o que ocupa a parte mais central da área, abrangendo a região que vem dos contrafortes leste da Serra Geral até o rio corrente. Os Aricobê estão mais para o norte, às margens direita do rio Grande, também afluente do São Francisco e os Shakriabã, dos contrafortes oeste da Serra Geral até a confluência do rio Palma e Paranã.

## ETNOGRAFIA E AMBIENTE

De certa forma, uma divisão fisiográfica do ambiente, corresponde a tipos diferentes de organização social e espacial. Dividimos a área em dois sistemas: sistema do corrente e sistema do Paranã.

### SISTEMA DO CORRENTE

O sistema do Corrente, por sua vez está sub-dividido em dois sub-sistemas: "sub-sistema do gerais" e "sub-sistema da caatinga".

Nos "gerais", os recursos naturais são mais abundantes e ocorrem com certa regularidade durante todo o ano, todavia o tipo de solo arenoso impede o desenvolvimento do criatório e das culturas salvo algumas áreas marinais onde se cultiva mandioca e feijão em pequeníssima escala.

As casas se concentram ao longo do rio, elemento fundamental de sobrevivência, os poucos cultivos (mandioca e feijão), são localizados nos fundos das casas e ocupam uma área bastante reduzida, o criatório se dá de forma muito insipiente, sendo criado somente porcos que se alimentam de minhoca, porque não há sobras

de alimento que possam ser jogadas a eles.

O caprino, neste sistema de vida, não é possível ser criado, pois a falta de alimentos em áreas concentradas, obriga a longas marchas em solo arenoso com areias soltas e profundas o que provoca entorpe nas pernas. A possibilidade de sobrevivência do gado vacum, equino e assinino, restringe a alguns meses secos do ano, quando estes podem alimentar de gramíneas ao longo do rio. Na época da chuva, os respingos fazem com que estas gramíneas fiquem impregnadas de areia, o que provoca nestes animais "embuchamento" e morte, sendo por este fator, impossível a sua criação. Essas dificuldades fazem com que o estilo de vida do homem do geral, seja em termos de complexidade social, muito simples restringindo basicamente ao nível da sobrevivência, a expectativa de vida é insignificante. Há uma estreita ligação entre simbolismo e adaptação.

Os produtos naturais retirados desse ambiente, são fibras utilizadas na tecelagem e manufatura de certos artefatos, como cordas, cestas, esteiras, vassoura, chapéu, todos manufaturados primordialmente das folhas do buriti e em proporção menor, da tabua e outros cipós. O buriti ainda fornece o coco de cuja polpa é retirada uma massa amarelada, rica em óleo e açúcar usada no fabrico de bolos, doces e refrescos. Na estação chuvosa, pode-se coletar uma série de frutos (vide tabela), que são aproveitadas com certa ciência. Na estação seca pratica-se com certa assiduidade a caça de animais campestres. Outro recurso muito explorado o mel de abelhas principalmente o mel de urucu, além do mel, utiliza-se muito a cera para a confecção de "rolo" tipo de vela usada para iluminação.

Há utilização também de inúmeras raízes empregadas nas curas de certas doenças.

Ao contrário do "gerais" o subsistema da "caatinga" não oferece nem grande quantidade, nem regularidade dos recursos naturais, por outro lado o solo é fértil e propicia tanto um cultivo, como um criatório variado, essas atividades entretanto, estão na dependência direta do clima, ou a uma maior ou menor proximidade de cursos de água perene. Quando a estiagem é prolongada, a vida humana baixa ao nível da penúria.

... "Água aqui é difícil, comida mais ainda em épocas de seca brava. Quando se pode plantar, nós aproveitamos muito a mandioca, para fazer a farinha, o beijú,

a crueira, a puba e a tapioca comemos isto ... Para dar de comer aos meninos, coamos num pano o caldo da tapioca, ou mesmo da mandioca e fazemos o chotão e o mingau".

(Depoimento de um habitante da caatinga - coletado em julho de 1983).

Contrastando com o "gerais", na caatinga há "fazendas" organizadas com proprietários titulados. Essas fazendas não chegam a caracterizar grandes propriedades e suas sêdes refletem seu tipo de organização.

Ao lado das casas ou nos pátios, sempre se localiza uma pequena e rústica oficina, para processar a mandioca e a garapa da cana que também é moída no próprio quintal, por engenhocas de madeira, movidas com um par de bois.

Na sua maioria os trabalhos, de criatório, plantio, colheita e processamento, cabem ao próprio proprietário e a seus filhos.

A trama de relações sociais mostra maior complexidade que nos gerais, quando não há estiagem prolongadas, há fartura e, em torno dessa fartura uma série de festejos.

O simbolismo é riquíssimo e reflete sempre esse dualismo climático, seca/chuva (inverno), com todas as suas nuances, fartura no inverno e penúria na seca.

Os produtos naturais se restringem a alguns frutos que podem ser coletados em época de chuva, a possibilidade da caça também existe em proporção menor que no gerais. Há também muita sabedoria no manejo de raízes e ervas medicinais.

Embora aparentemente muito distante, o gerais e a caatinga vivem em contínua integração e, é esta integração que possibilita a fixação de populações em suas áreas para outra, cuja função é a complementariedade através dos diferentes recursos.

Esse tipo de complementariedade, ainda hoje pode ser observada através das feiras, que se multiplicam nos distritos e cidades e exercem importante papel de "convergência complementar", unindo os produtos da caatinga e gerais.

#### A FEIRA DE CORRENTINA

Localizada bem na fronteira, entre os gerais e a caa-

tinga, às margens de um rio perene durante todo ano. A cidade de Correntina desempenha importante papel, para as populações habitantes do gerais e da caatinga. Para aí convergem essas populações com o intuito de suprirem ou complementarem suas necessidades, através do comércio e troca de produtos manufaturados a partir de recursos naturais e de produtos domésticos. Esse comércio pode ser observado na feira realizada aos sábados, cujo evento modela várias atividades da caatinga e gerais e obriga a deslocamentos de até 100 km.

A FEIRA DE CORRENTINA



LISTAGEM DOS PRODUTOS NATURAIS COMERCIALIZADOS NA FEIRA DE CORRENTINA.

PRODUTO	ESTAÇÃO DO ANO	PROCEDÊNCIA
Esteira de Buriti	todo ano	gerais
Esteira de Tabua	todo ano	gerais
Vassoura de Buriti	todo ano	gerais
Cesta de Buriti	todo ano	gerais
Chapéu de Palha/Buriti	todo ano	gerais
Imbê	estação seca	caatinga
Choconã/Cipô	estação seca	caatinga
Rede de Buriti	todo ano	gerais
Corde de Buriti	todo ano	gerais
Rosário de coco	Início est.chuvosa	caatinga
Coco Catolê	estação chuvosa	caatinga
Peneira de Buriti	todo ano	gerais
Chapéu de Seda (algodão)	estação chuvosa	caatinga
Couro de Veado	estação seca	gerais
Assum Preto	estação chuvosa	gerais
Leniha (feixe)	todo ano	caatinga/gerais
Arara	estação seca	gerais
Mel de Uruçu	todo ano	gerais
Couro de Gato	estação seca	gerais
Couro de Raposo	estação seca	gerais
Coco/Tucum	estação chuvosa	gerais
Bolo de Buriti	todo ano	gerais
Cagaita	estação chuvosa	caatinga
Cascudo	estação chuvosa	gerais
Cajũ	estação chuvosa	gerais
Pussã	estação chuvosa	caatinga
Croadim	estação chuvosa	gerais
Pequi	estação chuvosa	gerais
Umbu	estação chuvosa	caatinga
Pitomba	estação chuvosa	caatinga

## SISTEMA DO PARANÁ

### SUBSISTEMA DA SERRA GERAL

O sistema do Paran , possibilita a sub-divisão de um subsistema, atualmente, pode-se delinear "com certa clareza" apenas um, denominado de "Serra Geral", neste subsistema, os padrões de vida são diversos do encontrado no sistema do corrente. Há ocorrência de maior número de cidades, o que dota a região de certa infra-estrutura possibilitando maiores inter-relacionamentos. A organiza o espacial, reflete atividades de pecuária e cultivo. Com grandes propriedades. Nas áreas mais isoladas, dos contrafortes da serra, encontram-se posseiros, cujo sistema de vida reflete em linhas gerais o sistema de vida do homem do gerais.

Há riqueza e regularidade na distribui o dos recursos naturais em áreas de cerrado. Há também manchas de solo muito fértil, onde se pratica a agricultura.

### MODELO ARQUEOLÓGICO

Extrapolando nosso conhecimento para uma tentativa de explica o ou elabora o de um modelo arqueológico que reflita os sistemas de vida, desenvolvidos na área, por popula es indígenas detentoras de tecnologias de processamento e transforma o muito simples e, que ainda possa refletir os mecanismos de adapta o e elabora o, decorrentes de mudanças ambientais dispostas numa sequência temporal longa, dos finais do pleistoceno até os tempos históricos.

Vemos que o "sistema Serra Geral" favorece a ocupa o tanto de grupos caçadores/coletores antigos, recentes, bem como a ocupa o de grupos com economia baseada na horticultura.

Há uma diversidade de ambiente que favorece estes tipos de explora o, como também há inúmeros abrigos naturais que poderiam ser usados como anteparo ao frio e às chuvas, além de significativa rede hidrográfica, neste sentido, mesmo levando em considera o os efeitos climáticos do final do pleistoceno até o alti-termal, o subsistema da Serra Geral não tem elementos restritivos, apresentando condi es de ocupa o durante todas as épocas do ano, por grupos de diferente economia. Há grande abundância de recursos no cerrado, manchas de solo férteis, além de moluscos ao

longo dos paredões calcáreos. Certamente por este fato, na área são encontrados vestígios de grupos caçadores/coletores e de horticultores.

No "Sistema do Corrente", há restrições, que manifestam com matizes diferentes nos seus dois subsistemas básicos. No subsistema dos "gerais", a ocupação de grupos horticultores torna-se muito prejudicada pela ausência de solos férteis que favorecem o plantio. Até nunca se encontraram sítios arqueológicos que caracterizam grupos horticultores na área. Por outro lado, a ocupação por grupos caçadores/coletores é evidente, mas também apresenta restrições. Embora o "gerais" apresenta certa regularidade de recursos durante todo ano, não existem abrigos naturais nas proximidades de suas áreas mais significativas, problema que poderia ser contornado com relação ao frio, mesmo considerando a circulação atmosférica do final do pleistoceno, mas que poderia se agravar em épocas chuvosas, supondo que o advento da tecnologia da construção de aldeias seja um fenômeno de certa forma "novo". Por isso acreditamos que a época de ocupação intensiva no "gerais" se restringe ao tempo seco, época em que se pode caçar, pescar e exercer a coleta do coco do buriti.

No subsistema da "caatinga" as restrições são maiores, não há muita regularidade na distribuição dos recursos naturais e as manchas de solos férteis, só podem ser cultivadas em época de certa estabilidade pluviométrica. Todavia na área se encontram vestígios tanto de grupos caçadores/coletores antigos como de grupos horticultores. Essas ocupações porém não demonstram estabilidade.

Acreditamos que as explorações aí, se restringem às épocas de chuvas, tempo em que se pode coletar frutos moluscos e de certa forma caçar e, para os grupos horticultores, única época em que se pode plantar.

Neste sentido, parece haver uma forte integração entre os "gerais" e a "caatinga" em termos de complementariedade. Sendo o "gerais" explorado em época de seca e o "caatinga" em época chuvosa.

Aceitando este esquema, grupos com economia baseada na caça e na coleta poderia explorar os gerais durante a seca e a caatinga durante as águas.

Da mesma forma grupos conhecedores da horticultura estaria na caatinga durante as chuvas e nos gerais durante a seca

onde exercia tarefas de caça e coleta. Juntamente com estas atividades, acompanharia uma tecnologia apropriada específica para cada ambiente. Estes fatos exigem no "sistema do corrente" uma grande mobilidade, da caatinga para o gerais e vice-versa.

Com base nessas observações, foi possível montar um modelo de organização espacial e comportamento cultural, para a pré-história da área cujo esquema está em anexo.

BIBLIOGRAFIA

- MEGGERS, Betty J.  
 1976 Fluctuación vegetal y adaptación cultural pré-histórica en amazonia: Algunas correlaciones - Relaciones ' Sociedade Argentina de Antropologia, Buenos Aires, NS, 10.
- MASON, J. Alden  
 1950 The Languages of South American Indians in: STEWARD, ' Julian H. - ed. - Handbook of South American Indians, ' Smithsonian Institution - Washington.
- MELATTI, Julio Cezar  
 1980 Índios do Brasil - Ed. Hucitec - São Paulo. - Convênio ' INL e MEC.
- BARBOSA, Altair Sales et alii  
 a-1983 Projeto Serra Geral - in: Arquivo Instituto Goiano de ' Pré-História e Antropologia - Universidade Católica de ' Goiás - Goiânia.  
 b-1983 Projeto Ilha do Bananal - in: Arquivo Instituto Goiano ' de Pré-História e Antropologia - Universidade Católica ' de Goiás - Goiânia.  
 c-1976 Estudos de Ecologia Cultural no Programa Arqueológico de ' Goiás. in: Arqueologia de Goiás em 1976 - Gabinete de ' Arqueologia - Universidade Católica de Goiás.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOSA, Altair Sales; RIBEIRO, Maira Barbieri  
 1980 Temas de Arqueologia Brasileira, 1 (Paleo-Índio) - Anuário ' de Divulgação Científica - Instituto Goiano de Pré- ' história e Antropologia - Universidade Católica de Goiás ' Goiânia.
- NIMUENDAJÛ, Curt  
 1981 Mapa Etno-Histórico - IBGE - Rio de Janeiro.
- ALENCASTRE, José Martins Pereira de  
 1983 Anais da Província de Goiás - Convênio SUDECO/ Governo de ' Goiás (Secretaria do Planejamento).

BIBLIOGRAFIA

WIEGERS, Betty J.  
1976 *Fluctuación vegetal y abstracción cultural pre-histó-*  
*rica en amazónia: algunas correlaciones - Defecciones*  
Sociedad Argentina de Antropología, Buenos Aires, 10, 10.

MASON, J. Allen.  
1960 *The languages of South American Indians* por STEWARD,  
Julian H. - ed. - *Handbook of South American Indians*,  
Smithsonian Institution - Washington.

MCLELLAN, Julio César  
1980 *Índios do Brasil - Ed. Fuzeta - São Paulo - Companhia*  
*181 e MEC.*

SARROSA, Aitor Etxepare et alii  
1983 *Projeto Santa Fé* - In: *Arquivo Instituto Goiano de*  
*Pre-história e Antropologia - Universidade Católica de*  
*Goias - Goiânia.*

1983 *Projeto Ipa do Bananal - In: Arquivo Instituto Goiano*  
*de Pre-história e Antropologia - Universidade Católica*  
*de Goias - Goiânia.*

1978 *Estudo de Biologia Cultural no Programa Antropológico de*  
*Goias. In: Antropologia de Goias em 1978 - Gabinete de Ar-*  
*queologia - Universidade Católica de Goias.*

SCHMITZ, Pedro Ignacio; SARROSA, Aitor Etxepare; RIBEIRO, Maria Sar-  
roza  
1980 *Textos de Arqueologia Brasileira. I (São Paulo) - Anua-*  
*rio de Divulgação Científica - Instituto Goiano de Pre-*  
*história e Antropologia - Universidade Católica de Goias.*  
*Goias.*

KIMENOGU, Carl  
1961 *Mapa Etno-histórico - 1800 - Rio de Janeiro.*

ALMEIDA, José Martins Pereira de  
1980 *Mapa de Província de Goias - Conselho Superior de*  
*Goias (Secretaria do Planejamento).*